

## **DIÁLOGOS OBLÍQUOS- UM DESAFIO PARA AS HUMANIDADES: APROPRIAR SEM PLAGIO<sup>1</sup>**

Ormezinda Maria Ribeiro<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre a produção literária de poetas brasileiros, chilenos e portugueses, com vistas a subsidiar a elaboração de materiais e recursos didáticos para a formação de estudantes de letras e áreas afins, nas áreas de Literatura e Língua Portuguesa. Caracteriza-se também como uma pesquisa colaborativa na segunda etapa de execução, pois, como modalidade da pesquisa-ação, seu princípio básico é o processo de colaboração entre os participantes, os colaboradores. Durante a formação, os recursos de intertextualidade foram apresentados como um dos fatores que fazem da textualidade um fenômeno primordial para a produção de significados empregados, a fim de promover estratégias para a expansão do mundo e do conhecimento literário pela composição de textos com base na organização sistemática de textos alheios, sem configurar a prática de cópia, plágio ou referência simples.

**Palavras-chave:** intertextualidade; materiais didáticos; produção literária

### **OBLIQUE DIALOGUES- A CHALLENGE FOR HUMANITIES: APPROPRIATION WITHOUT PLAGING ABSTRACT**

### **ABSTRACT**

This paper presents the results of a bibliographic research on the literary production of Brazilian, Chilean and Portuguese poets, for the elaboration of materials and didactic resources for language students' training and its related areas, such as Literature and Portuguese Language. It is also characterized as a collaborative research in the second stage of execution, since, as an action research modality, its basic principle is the process of collaboration between the participants, the collaborators. During training, intertextuality resources were presented as one of the factors that make up textuality, a fundamental phenomenon for the production of meanings. These were employed in order to promote strategies for the expansion of world and literary knowledge by the composition of texts based on the systematic organization of other texts, without configuring the practice of copying, plagiarism or simple reference.

**Keywords:** intertextuality; teaching materials; literary production

Recibido: 28 de noviembre de 2018

Aceptado: 20 de diciembre de 2019

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir da apresentação de comunicação sob o mesmo título no XXI Congresso Internacional de Humanidades, na Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, em outubro de 2018.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística e em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista- UNESP; Professora Associada da Universidade de Brasília; Coordenadora do Curso de Letras Português e Orientadora nos Programas de Pós-Graduação em Linguística - PPGL e de Pós-Graduação em Educação-Modalidade Profissional-PPGE-MP da UnB. aya.ribeiro@yahoo.com.br

## **PARA INÍCIO DO DIÁLOGO...**

Este trabalho é resultado de um estudo na área de Língua Portuguesa que integra habilidades das áreas de literatura e caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica sobre a produção literária de poetas brasileiros, chilenos e portugueses, com vistas a subsidiar a elaboração de materiais e recursos didáticos para a formação de estudantes de letras e áreas afins. Caracteriza-se também como uma pesquisa colaborativa na segunda etapa de execução, posto que, como modalidade da pesquisa-ação, tem como princípio básico o processo de colaboração entre os participantes, ou os colaboradores.

Nesse caso, fundamenta-se na participação de cada colaborador e na reflexão como ato coletivo, sendo a investigação-ação como auto reflexiva a partir da inserção dos participantes em situações educativas, uma vez que os professores da educação básica convidados a integrar o estudo, por meio de sua participação em oficinas de produção de textos, interagem com a pesquisadora e multiplicam as ações pedagógicas ao levar o trabalho para as suas salas de aulas. Nesse sentido, não só produzem seus próprios textos, como refletem criticamente sobre a prática, localizando-a em um contexto social e político e confrontando-a com um contexto tradicional (Kemmis, 1987, p. 72).

Assim, pretende desenhar uma interface entre a literatura, mais especificamente entre os textos de poetas renomados, e a produção de textos, ancorada na intertextualidade, sobretudo na ocorrência da apropriação, destacando as relações dialógicas existentes entre o texto original e as diversas possibilidades de diálogos com outros textos a partir de produções atualizadas.

Tendo por base estudos de vários autores, os recursos de intertextualidade como um dos fatores que compõem a textualidade, fenômeno primordial para a produção de sentidos, são empregados a fim de promover estratégias de ampliação do conhecimento de mundo e literário com a composição de textos a partir da organização sistemática de textos alheios sem que se configure a prática da cópia, plágio ou simples citação.

O objetivo é levantar dados bibliográficos que concorram para apresentar a intertextualidade como recurso de escrita e de estímulo à leitura de obras poéticas, bem como o desenvolvimento da criatividade e da autoria na produção de textos poéticos.

Levando em conta que quem escreve não escreve no vazio, pois um texto sempre surge do diálogo com outros textos, pretendemos demonstrar que o conhecimento da intertextualidade pode ser amplamente usado para desenvolver a habilidade de aproveitar criticamente, criativamente outros materiais interdiscursivos, outros textos, na condução pedagógica a fim de promover o interesse e situações de leitura e escrita ancoradas na produção de textos com recortes de textos de diversos autores que dialogam entre si, ainda que em tempos e situações diversas.

Assim, a percepção dos diálogos criados pela articulação de fragmentos de poemas, selecionados na construção de novos textos e a habilidade para discernir as diversas vozes que compõem os textos apropriados, capacitam o leitor para uma leitura mais abrangente, tornando-o atento às diversas possibilidades que um texto lhe oferece, posto que esse leitor não se limita a decodificar o que está na superfície textual em uma leitura parafrástica ou parodística, mas consegue ler o implícito, o que não foi dito, contudo que está carregado de significação em uma leitura polifônica, bem como é capaz de perceber os espaços dialógicos que permitem a recriação de um texto, imprimindo-lhe novo significado.

Essa capacidade de calcular os sentidos do texto se amplia e acontece em diversos níveis, uma vez que a compreensão e interpretação dos sentidos do texto destacam o aspecto interacional da linguagem que implica a bagagem de leituras anteriores que certamente ampliará o universo do leitor uma vez que concorrerá para que ele perceba os diálogos entre os textos originais e os intertextos. Isso acrescentará significativamente as possibilidades que o texto pode lhe oferecer em sua interpretação. Assim, o sujeito que enuncia algo se insere na cadeia de outros que já disseram antes dele, conforme Pêcheux (1999), para quem o discurso é um acontecimento que se faz novo a cada instante.

Se compreendermos essa reconstrução de sentidos como parte de um processo, posto que os sentidos se realizam em um contexto, mas não se limitam a ele, podemos promover, na escola, condições mais significativas de leitura (Ribeiro, 2013, p.27).

Assim, com vistas a alcançar o público pretendido, antes de realizarmos uma ampla pesquisa bibliográfica sobre os recursos de intertextualidade, dialogando com diversos autores cujos trabalhos abordam esse tema, foi elaborada uma coletânea de poemas de autores diversos e, a partir deles, construído um material que promova o diálogo constante em produções vindouras.

Assim, esperamos construir um caminho pedagógico para a leitura e a produção de textos com o pressuposto de que quem lê está em situação privilegiada para escrever, uma vez que se apropria, mediante a leitura, de ideias e de recursos de expressão, contudo, sem plagiar ou apropriar-se indevidamente de textos alheios.

Entendendo, desse modo, que a leitura é um ato dinâmico e criativo do qual participam autor(es) e leitor(es) de forma cooperativa e processual no qual não se pode desvincular o processo histórico que permita a formulação e confronto de ideias, obtidas nas leituras de mundo.

O texto poético produzido em tempos e circunstâncias diversas nem sempre é bem recebido por leitores que ainda não amadureceram a compreensão desse processo que inclui, entre outros requisitos, a aquisição do léxico e o despertar da sensibilidade que ativar a atribuição de sentidos e significados, bem como o gosto pela leitura.

Assim, partimos do pressuposto de que o leitor deve ser direcionado, mas jamais cerceado no seu processo de dar sentido ao texto, para que não se corra o risco de impedi-lo de uma apropriação particular da significação do texto que o impossibilite de (re) significar as suas leituras.

Nesse sentido, empregamos uma estratégia metodológica, que se dá por meio da relação entre leitura e interpretação e reescrita de texto, com o concurso da apropriação de textos de renomados escritores para despertar a leitura dos textos originais e o reconhecimento contextualizado do texto apropriado em outro contexto.

Portanto, tratamos aqui de uma significativa relação entre os elementos da leitura, a intertextualidade e a produção textual, como elementos essenciais e relacionados para

a formação de um leitor crítico, o qual se apropria e se serve de uma leitura, nota os diálogos intrínsecos e sutis nas suas variadas intertextualidades e, como estímulo, realiza sua própria produção, fruto das outras leituras e do seu conhecimento literário.

Assim, como em trabalhos anteriores (Ribeiro & Olímpio, 2015, p. 154), assumimos uma visão teórica que reconhece a leitura como um processo que transcende ao próprio texto, cuja compreensão implica a percepção das relações entre texto, contexto e intertexto e que estabelece o fio base para a produção textual em qualquer gênero. A leitura, nesse viés, não está presa somente à palavra, mas a todo um mundo subjacente a ela, que vai sendo fabricado, antes mesmo de sua convenção. O que é mister considerar também o que não só é imanente ao texto, mas que o circunda, tecendo a sua rede de significações.

Se somos constituídos nos e pelos discursos, a escola não pode se omitir de seu papel, permitindo que sujeitos sem personalidade linguístico-discursiva sejam formados em seu espaço. Entendendo ser de responsabilidade da instituição escolar a formação de um sujeito que se reconheça como autor do que diz e não apenas locutor de discursos alheios, trazemos a proposta de trabalho com os intertextos, revisitando autores consagrados, para, não só despertar a sensibilidade literária, desenvolver competências linguísticas que levem à autoria e autonomia na escrita, compreendendo que só assim a escola exercerá sua função de formadora capaz de congrega sujeitos com identidade própria.

Em termos de ensino, não basta teorizar ou discursar sobre o valor da leitura e da sua base para a escrita. É preciso construir e levar à prática situações a serem concretamente vivenciadas, de modo que o valor da leitura venha a ser paulatinamente sedimentado na vida dos educandos. Por isso, à guisa de conclusão, para um trabalho sempre inconcluso, repetimos Larrosa (1999, p. 45):

Ensinar a ler é produzir esse deixar escrever, a possibilidade de novas palavras, de palavras não pré-escritas. Porque deixar escrever não é apenas permitir escrever, dar permissão para escrever, mas estender e alargar o que pode ser escrito, prolongar o escrevível. A leitura torna-se assim, no escrever, uma tarefa aberta, na qual os textos lidos são despedaçados, recortados, citados, in-citados, e ex-citados, traídos e transpostos, entremesclados com outras letras, com outras palavras. Os

textos são entremeados com outros textos. Por isso, o diálogo da leitura tem a forma de um tecido que constantemente se destece e se tece de novo, isso é, de um texto múltiplo e infinito.

## **A INTERTEXTUALIDADE: CONCEITO E DESDOBRAMENTOS PEDAGÓGICOS**

O termo intertextualidade foi cunhado por Kristeva, quando se debruçava sobre os trabalhos de Bakhtin (1981), sobretudo em relação ao seu conceito de dialogismo. O conceito de dialogismo, de acordo com Barros (2003, p, 2), é fundamental para se compreender a obra de Bakhtin, porque permeia a sua concepção de linguagem e, quem sabe, mais do que isso, sua concepção de mundo, de vida. Ao analisar a sua teoria sobre a dimensão da palavra nos espaços, Kristeva (2005, p. 68) traça duas linhas e mostra como os eixos se encontram, pois segundo ela “a palavra (o texto) é um cruzamento de palavras (de textos) onde se lê, pelo menos, uma outra palavra (texto)”.

No eixo horizontal, estão o sujeito da escritura e o destinatário e no eixo vertical se encontram o texto e o contexto. Kristeva explicita que no “universo discursivo do livro, o destinatário está incluído apenas enquanto propriamente discurso”. Assim, o discurso do destinatário funde-se com o do outro livro, com qual o escritor escreveu seu próprio texto. Desse modo, Kristeva demonstra onde o cruzamento entre textos trarão, possivelmente, o surgimento de outros textos, e, então, elabora o conceito de intertextualidade, assegurando que

(...) todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade instala-se a de intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla” (Kristeva, 2005, p. 68).

Na perspectiva de Kristeva, compreendemos que a inserção de um texto dentro de um novo texto demonstra que o “texto literário é uma rede de conexões”. Essa conexão explorada por Kristeva, e por ela chamada de absorção é também explorada por Genette que, em *Palimpsestos* (2010), categoriza o mundo das citações e referências. Para esse autor, “Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos”. Genette entende que “um texto absorve o outro”, e não faz uma discussão do que é do campo da literatura ou da linguística.

Nesse sentido, podemos definir a intertextualidade como um diálogo entre textos, entendendo que essa interação pode aparecer explicitamente ao leitor ou estar de certa forma subentendida, nos mais diferentes gêneros textuais. Portanto, para compreender a presença desse mecanismo em um texto, é necessário que o interlocutor tenha uma experiência de mundo e um nível cultural significativos. Desse modo, quanto maior o acervo de leitura, maior será o nível de apreensão da intertextualidade.

O intertexto só funciona quando o leitor é capaz de perceber a referência do autor a outras obras ou a fragmentos identificáveis de variados textos. Esse recurso assume papéis distintos conforme a contextura na qual é inserido. Nessa perspectiva, a pressuposta cultura geral relacionada ao uso desse mecanismo literário deve, portanto, ser dividida entre autores e leitores. O conhecimento de mundo, enciclopédico ou literário deve pressupor um nível de compartilhamento possível na interação propiciada pelo escritor/leitor. E se não há limite para as esferas do conhecimento que podem ser acessadas tanto pelo produtor do texto, quanto por seu receptor, o intertexto não está somente ligado ao contexto literário. A intertextualidade será possível em textos não verbais, nos mais variados gêneros como a pintura, a fotografia, a xilogravura, os esquemas etc.

Genette chama de hipertextualidade toda relação que une um texto B (hipertexto) a um texto anterior A (hipotexto) do qual ele brota de uma forma que não é a do comentário. O que trata do comentário de uma obra sobre outra a essa chama de metatextualidade.

Laurent Jenny (1979), considera a intertextualidade imprescindível para a formação da literatura, pois, sem ela,

(...) a obra literária seria muito simplesmente incompreensível, tal como a palavra numa língua ainda desconhecida. De facto, só se apreende o sentido e a estrutura numa obra literária se a relacionarmos com os seus arquétipos (1979: 5).

Para Jenny (1979, p. 14), a intertextualidade é um “trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador, que detém o comando

do sentido”. E para Compagnon, em “O trabalho da citação” (1996), pegar trechos de livros e colocar em outro é comparado ao de cortar e colar. Nessa analogia, Compagnon usa a tesoura para figurativizar o processo de escolha e separação dos textos que serão apropriados, ou recompostos em outro, num processo de colagem que transforma fragmentos de textos em outros textos.

A categorização da intertextualidade por Kristeva, Genette, Jenny, Compagnon e outros foi possível a partir do estudo de Bakhtin, na observação de obras literárias.

Isso posto, enfatizamos a importância da leitura e da multiplicidade de textos para que o diálogo seja sempre possível nas releituras. Assim, compreendemos que todas as obras literárias são hipertextos, pois é inerente a elas a evocação de outra. É o que se desprende do estudo de Genette.

Considerando que nada do que se diz num texto nasce nesse texto, que apresenta uma infinidade de relações dialógicas com outros textos, a intertextualidade se apresenta como uma conversa entre textos. É, portanto, o diálogo de um texto com outros textos, pois todo texto é a absorção ou transformação de outro texto, constituindo-se num mosaico de citações, no sentido dado por Kristeva. Como uma forma de diálogo entre textos, pode se dar de forma mais implícita ou mais explícita e em diversos gêneros textuais.

Reconhecer o intertexto é também perceber a importância do conhecimento de mundo e como esse interfere no nível de compreensão do texto, pois ao relacionar um texto com outro, o leitor entenderá que a intertextualidade é uma das estratégias utilizadas para a construção do próprio texto. Diz respeito à possibilidade de um texto ser criado a partir de outro(s) texto(s), pois quem escreve não escreve no vazio, então, infere-se que escrever é a habilidade de aproveitar criticamente, criativamente outros materiais interdiscursivos, outros textos. E, por sua vez, quem lê (no sentido estrito do termo) está em situação privilegiada para escrever, uma vez que se apropria, mediante a leitura, de ideias e de recursos de expressão.

De acordo com Beaugrande & Dressler (1981), a intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais o conhecimento prévio de outros textos interfere na produção e recepção de um texto.

Ela pode ser de forma ou de conteúdo ou tipologia textual. A intertextualidade formal pode estar ou não vinculada à tipologia textual e se dá em textos que imitam a forma de outros textos.

A intertextualidade de conteúdo se dá, por exemplo, entre textos jornalísticos, quando dialogam entre si ao tratarem de um fato em destaque em determinado período de tempo e requerem do leitor um prévio conhecimento de um texto já tratado em matéria anterior. Já a intertextualidade por fatores tipológicos pode estar relacionada à estrutura que caracteriza cada tipo de texto. Há três tipos básicos de intertextualidade: a apropriação, a paráfrase e a paródia, que podem se desdobrar em outras formas de ocorrências, como apresentamos sinteticamente a seguir.

#### **Ocorrências:**

**1. Alusão:** Configura-se como asserções de determinados textos em um dado texto. Pode ser integral, transformada, confessa ou camuflada. A alusão se vale da referência ou da citação de um evento ou de uma pessoa, concreta ou fictícia. Na alusão, o escritor não indica claramente o evento em foco, mas simplesmente o insinua por meio de qualidades menos importantes ou alegóricas, de forma completa, transformada ou camuflada.

- a) alusão a uma frase histórica;
- b) alusão a uma fórmula religiosa;
- c) alusão a um provérbio ou a uma forma estereotipada;
- d) alusão a uma fórmula literária;
- e) alusão a uma frase de canção;
- f) alusão a um título de uma obra literária;
- g) alusão a um título de filme;
- h) alusão a um título de obra musical;
- i) alusão a um título de jornal;
- j) alusão a um slogan publicitário.

**2. Citação:** quando se coloca em um texto um conjunto de fragmentos de outros textos. É a referência a uma passagem do discurso de outra pessoa no meio de um texto, entre aspas e normalmente acompanhada da identidade de seu autor. A explicitação de citação por meio de marcas gramaticais, como aspas, indica, muitas vezes, pressupostos daquilo que não está dito, mas implícito na voz de um segundo locutor, cuja fala o enunciador não quer assumir como sendo sua, ainda que o ato de citar não exima do locutor a responsabilidade da intenção comunicativa. A Epígrafe é uma forma de citação, com característica própria. Consiste em um texto inicial, que tem como objetivo abrir um outro texto. É um registro escrito introdutório utilizado em geral como diretriz do discurso central por sua capacidade de sintetizar a filosofia, ou o pensamento mestre do escritor. A palavra 'epígrafe' origina-se do grego e pode ser traduzida aproximadamente como 'escrita na posição superior'. Essa modalidade de intertextualidade é utilizada quando um escritor se vale da passagem de uma obra prévia para dar início ao seu próprio texto.

**3. Paródia:** ocorre quando um texto, ao incorporar outro texto, propõe o deslocamento da linguagem, num caráter contestador. A Paródia é uma distorção intencional de outro texto, com objetivos críticos ou irônicos, quando o autor se apodera de um discurso e opõe-se a ele de forma discreta ou explicitamente. Ao recriar o texto, seu autor desvirtua o discurso prévio, seja por desejar criticá-lo ou por querer tecer uma ironia. Caracteriza-se, portanto como a intertextualidade das diferenças. Em uma outra categoria, o Pastiche caracteriza-se pela imitação rude de outros criadores – escritores, pintores, entre outros, com intenção pejorativa, ou pode ser uma modalidade de colagens e montagens de vários textos ou gêneros, compondo uma espécie de colcha de retalhos textual.

**4. Paráfrase:** ocorre quando há uma fusão de vozes em um texto que se identifica com o outro, sem quebrar-lhe a continuidade. O escritor recria, com instrumentos apropriados, um texto pré-existente, respeitando-lhe o sentido original. O termo vem do grego "*paraphrasis*", que significa reproduzir uma frase e equivale a repetir um conteúdo ou um fragmento dele claramente, porém, em outros termos, preservando sempre a concepção inicial. É a intertextualidade das semelhanças. Pode-se dizer que é a réplica de um escrito por outrem, posicionado em outro texto com as palavras de seu autor. Assim, deve ficar claro, com marcas linguísticas próprias que o trecho reproduzido não é de sua autoria. Desse modo, a fonte bibliográfica pesquisada deve ser citada a fim de não ocorra plágio.

**5. Apropriação:** ocorre quando um texto é retomado por outro sem nenhuma alteração, ou seja, há uma retomada literal e idêntica do que foi dito anteriormente em outro texto. O autor não escreve, mas articula, agrupa, transcreve o texto alheio, colocando os significados de uma forma invertida. Não busca reproduzir, como na paráfrase, mas produzir algo diferente. É uma variante de paródia e tem uma força crítica. É criativo porque, ao utilizar de outros textos não busca expropriar-lhe a autoria, mas parte deles para criar novos sentidos, mantendo a remissão ao autor, ainda que de forma implícita, dando-lhes feições outras que não as originais. É um recurso que, longe de ser uma cópia, ou mero plágio, estabelece diálogos fecundos entre textos, incorpora ideias, temas, palavras, frases, períodos, estruturas inteiras e, ao operar novos arranjos e deslocamentos, por meio de recortes e seleções, desafia o leitor a resgatar a memória de outras leituras...

A intertextualidade, em suas várias formas, constitui-se em um fazer criativo, um diálogo contínuo, dinâmico e tributário de repertórios, temas, textos, gêneros diversos do qual escritores se valem para comporem suas peças literárias.

Nesse prisma, consideramos que o trabalho com intertextos deve ser incorporado ao processo ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa, com enfoque em propostas interativas a fim de promover o desenvolvimento do indivíduo numa dimensão integral. Assim, o professor, ao propor atividades que propiciem ao aluno o desenvolvimento da capacidade de identificar um intertexto e, a partir daí, produzir intertextos na interlocução constante com os autores com os quais tiverem contato nos textos expressos por diferentes linguagens. O trabalho pedagógico com o intertexto pressupõe a consideração bakhtiana de que a palavra é dialógica e de um é sempre oriundo de outros textos orais ou escritos. Por isso, é imprescindível que o professor leve o aluno a perceber isso, utilizando a intertextualidade não só para conscientizar os alunos quanto à existência desse recurso como também para imprimir em suas aulas um modo mais criativo de desenvolver a capacidade dos alunos de se relacionarem com a leitura e com a escrita de textos.

Dessa forma, a intertextualidade pode funcionar como um elemento primoroso, capaz de propagar o saber em diferentes contextos, aproximando extremos.

Um exemplo clássico da ocorrência da intertextualidade em forma de apropriação é a união de um texto da Bíblia Sagrada, I Coríntios: 13 “O amor é um dom supremo” e ao soneto 11 de Camões, “Amor é um fogo que arde sem se ver”, incorporados à composição “Monte Castelo”<sup>3</sup>, lançada em 1989, no álbum Quatro Estações pela banda brasileira Legião Urbana. O uso pedagógico dessa apropriação em sala de aula mostra o

---

<sup>3</sup> Monte Castelo- Legião Urbana (Composição: Renato Russo) .

Ainda que eu falasse  
A língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos  
Sem amor eu nada seria

É só o amor! É só o amor  
Que conhece o que é verdade  
O amor é bom, não quer o mal  
Não sente inveja ou se envaidece

O amor é o fogo que arde sem se ver  
É ferida que dói e não se sente  
É um contentamento descontente  
É dor que desatina sem doer

Ainda que eu falasse  
A língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos  
Sem amor eu nada seria

É um não querer mais que bem querer  
É solitário andar por entre a gente  
É um não contentar-se de contente  
É cuidar que se ganha em se perder

É um estar-se preso por vontade  
É servir a quem vence, o vencedor  
É um ter com quem nos mata a lealdade  
Tão contrário a si é o mesmo amor

Estou acordado e todos dormem  
Todos dormem, todos dormem  
Agora vejo em parte  
Mas então veremos face a face

É só o amor! É só o amor  
Que conhece o que é verdade

Ainda que eu falasse  
A língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos  
Sem amor eu nada seria

potencial criativo não só de seus autores que articulam, com coesão, dois textos de épocas e estilos diferentes sem prejuízo da coerência, como também dos professores que captam o interesse de seus alunos pela música, considerada um sucesso até hoje, para que muitos jovens tomem conhecimento tanto do texto religioso quanto da poesia por meio da canção.

Esse é um dos aspectos fundamentais do recurso intertextual, pois ao remeter a algo que faz parte do conhecimento de mundo dos alunos pluraliza a língua, libertando-a das barreiras do formalismo tradicional e possibilita a todas as classes o acesso aos mais diversos textos e contextos. Assim, o uso pedagógico do recurso intertextual faz com que os conteúdos sejam mais significativos e verossímeis, podendo aproximar os jovens da literatura, da gramática, da leitura e produção de textos.

Com o concurso da intertextualidade, é possível tornar esses conteúdos mais agradáveis, uma vez que podem ser mesclados ou relacionados a algo atual e dinâmico que aproxime o aluno de um conteúdo que poderia não ser tão interessante se tratado de forma tradicional.

### **APROPRIAR NÃO É PLAGIAR**

O recurso da intertextualidade é fundamental para a produção de textos competentes e criativos, mas para que isso ocorra é essencial que o produtor de textos tenha uma bagagem cultural ampla, assim como um conhecimento de mundo alargado. Atingir esse nível só é possível por meio da leitura de variados gêneros, principalmente, de textos literários.

De posse de um acervo significativo de leitura, pode-se, então, produzir textos criativos, inspirados na forma ou no conteúdo de outros textos, sem plagiá-los.

O plágio é uma forma de intertextualidade, porém, ilegal. Ocorre quando o pretense autor se apropria de um ou mais textos alheios e não informa a autoria original, auferindo vantagens pessoais com isso, quer seja em livros, músicas, trabalhos acadêmicos, jornalísticos ou publicitários, dentre outras formas de empregar a criação de outrem.

O plágio nos trabalhos acadêmicos é percebido sob diversas formas, mas, em geral, resulta de cópia pura de texto de autoria alheia, sem a devida referência, ou às vezes dissimulado pela simples troca de palavras por sinônimos ou alteração da ordem sintática para esconder a fonte original de um texto.

Há que se compreender, assim, o próprio conceito de autoria, cuja noção pressupõe, em qualquer texto, a existência de um ou mais autores, tendo em vista que, segundo Silva, (2008): o discurso nunca é constituído de uma única voz; é polifônico, gerado por muitas vozes, muitos textos que se cruzam e se entrecruzam no espaço e no tempo; resultado que flui para dentro do leitor, passando a fazer parte da sua fala, de seus textos.

Reportando-nos a Kristeva (2005), para quem todo texto é absorção e transformação de um outro texto, como um mosaico de citações, admitimos que nenhum texto é construído por apenas um autor porque ele é resultado de fragmentos ou mosaicos de outros textos, anteriores, que com ele conversam e dialogam.

Portanto, em maior ou menor grau, todo texto traz uma carga de intertexto, uma vez que ele sempre nos remete a outros. E, se concordamos com Barthes (1974, p. 32), quando diz que “Todo o texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em diversos níveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”, no trabalho pedagógico da elaboração de textos, é necessário estabelecer a diferença entre práticas legítimas de apropriação de textos alheios e de práticas ilícitas de cópias integrais ou parciais com omissão da autoria.

Dessa forma, a importância de “construir e dialogar com o conhecimento gerado por outros, (...) não nos eximindo da responsabilidade de reconhecer os méritos intelectuais dos outros e tampouco nossa responsabilidade diante de nossas próprias ideias”, segundo Greco, (2007, p. 120), é salutar para o trabalho pedagógico empregando a intertextualidade.

Obviamente, aceitamos que um texto que apenas reúne uma sequência de citações não pode ser considerado um trabalho autoral, pois não é suficiente “juntar” uma

série de citações para se construir um texto, já que isso não caracteriza um processo de diálogo. E se o texto tão somente se caracteriza por um agrupamento de uma sequência de citações, não há como evidenciar qualquer intervenção do sujeito do conhecimento.

Todavia, na apropriação, espera-se que, ao reunir textos de autores distintos, ou vários textos de um mesmo autor, o processo de autoria se configure na intenção do autor e na busca de uma nova configuração dos textos alheios e não de meras citações. Isso pressupõe e exige o exercício autoral resultado de uma intenção e de intervenção crítica do produtor em diálogo significativo com os demais autores com os quais interage, pois, embora se verifique uma retomada literal e idêntica do que foi dito anteriormente em outro texto, o produtor não escreve, mas articula, agrupa, transcreve o texto alheio, colocando os significados de uma forma invertida. Assim, não reproduz, mas produz algo diferente, porque o novo texto, como interseção de outros tem o aspecto criativo, o porquê ao utilizar de outros textos não busca expropriar-lhe a autoria, mas parte deles para criar novos sentidos, sem deixar de fazer menção aos autores dos textos originais. E assim estabelece diálogos entre textos, incorpora ideias, temas, palavras, frases, períodos, estruturas inteiras e ao operar novos arranjos e deslocamentos, por meio de recortes e seleções, desafia o leitor a resgatar a memória de outras leituras.

Desse modo, estabelece o que afirma Freire (1989, p.9) “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”, quando ratifica que a leitura não pode prescindir a consciência de si mesmo como agente capaz de ler e de modificar o mundo, explicando que a apropriação não é o mero arranjo de fragmentos, ou uma colagem de textos alheios de forma aleatória, mas pressupõe a construção do conhecimento a partir de um sujeito do conhecimento ativo, capaz de ler, interpretar e ressignificar os textos em diálogos com autores diversos.

Diferentemente do plágio, que, por sua vez, ocorre quando aquele que copia textos alheios não dialoga com seus autores, e seu ato não envolve posicionamento, como sujeito que se percebe capaz, por meio da linguagem, de se constituir como alguém que “lê” o mundo e o interpreta, à sua própria maneira.

Nesse sentido, entendemos que o trabalho pedagógico que enfoque os tipos de intertextualidade, sobretudo, que considere as possibilidades criativas do recurso da apropriação, é salutar para a preparação de bases sólidas para a construção textual autoral e crítica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, descrevemos como, ao elaborarmos uma coletânea das produções de poetas brasileiros, chilenos e portugueses, compondo além de uma coletânea, o registro bibliográfico desses autores, trabalhamos a autoria e a criatividade com os professores da escola básica que, ampliaram seu acervo literário e produziram textos poéticos, ao tempo em que, refletindo sobre a questão do limite da autoria e do plágio, prepararam-se para serem multiplicadores de uma proposta pedagógica acerca do emprego da intertextualidade, em especial, a apropriação, como recurso didático mediado pelas relações dialógicas existentes entre o texto original e as diversas possibilidades de diálogos com outros textos a partir de produções atualizadas.

Assim, com o levantamento de dados bibliográficos que apresentaram a intertextualidade como recurso de escrita e de estímulo à leitura de obras poéticas, bem como o desenvolvimento da criatividade e da autoria na produção de textos poéticos, destacamos que há uma forma legal e moral de empregar os textos alheios sem que se configure cópia ou plágio, ou que o novo texto seja tão somente uma colcha de retalhos mal costurada de citações diversas.

O trabalho comprovou que, utilizando o recurso da apropriação de forma crítica e que preveja o posicionamento do autor como um dos participantes do diálogo que acrescenta e ressignifica o seu repertório de leitura, de forma ética, podemos estimular a leitura e a produção de textos com autoria, autonomia e criatividade. E que, tendo por referência grandes poetas, é mais prazeroso trabalhar a leitura e a escrita na educação básica.

## **REFERÊNCIAS**

**Bakhtin, M.** 1981. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária.

- Barros, D. L. Pessoa de.** 2003. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin/ Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin (orgs.)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Compagnon, A.** 1996. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Freire, P.** 1989. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez.
- Genette, G.** 2010. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Trad. Cibele Braga et al. Belo horizonte: Edições Viva Voz.
- Greco, L. C. S.** 2007. El plagio en el contexto de la honestidad académica: ¿problema académico o problema de. *Revista Informe de Investigaciones Educativas*, [s.l.], v., n., pp.117-123. Disponível em <http://biblo.una.edu.ve/ojs/index.php/IIE/article/view/549/530>.
- Jenny, L.** 1979. A estratégia da forma. In: *Intertextualidades*. Tradução da revista Poétique número 27. Lisboa: Almedina.
- Kemmis, S.** 1987. *Critical Reflection*. Staf development for school improvenient - Tradução: Ivana Ma. L. M. Ibiapina, Library or Congress /cataloging Philadelphia, Imago Publishing.
- Kristeva, J.** 2005. *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva.
- Pêcheux, M.** 1999. Papel da Memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes.
- Ribeiro, O. M.** 2013. *Na teia de Penélope*. Metáforas na educação. Campinas: Pontes.
- Ribeiro, O. M. R. & Olímpio. R. M.** 2015. *Tecer textos*. Fios e desafios. Campinas: Pontes.
- Russo, R.** 1987. Monte Castelo. IN: Álbum Quatro Estações.
- Silva, O. S. F.** 2016. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade. *Revista Brasileira de Educação*, [s.l.], v. 13, n. 38, pp.357-414. Maio/ago. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/12.pdf>.